



Índios querem conservar tradições, mas podem ser obrigados a deixar aldeia, por falta de ajuda

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Tribuna (Santos)* Class.: _____

Data: *17.07.83*

Pg.: _____

Índios querem ajuda para não deixar aldeia

Houve um tempo em que eles eram mais de mil. Depois, o progresso chegou ao Litoral Sul, Perulbe foi crescendo e os descendentes da nação guarani abandonando a aldeia. Hoje restam pouco mais de 90 deles para cuidar dos 200 alqueires da reserva, a maior parte ainda de floresta nativa, com muita caça. A preocupação do cacique Tapeju, ou Odair Castro, é tentar evitar que os atuais remanescentes da grande tribo abandonem de vez o local. Mas, para isso, necessita de ajuda efetiva da Funai, à qual ele já recorreu por diversas vezes sem conseguir, no entanto, resultados práticos. (Página 23)

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Tribuna (Santos) Class.: 1662 (1983)
 Data: 17.07.83 Pg.: _____

Índios reclamam ajuda para não deixar terras

Texto: **Clóvis Rodolpho Vasconcelos**
 Fotos: **João Vieira Júnior**

PERUIBE — Os índios guaranis da Aldeia do Bananal em Peruíbe estão passando até fome. São cerca de 90 pessoas que ocupam a reserva de 200 alqueires e já avisam que abandonarão as terras por não conseguirem sobreviver apenas da agricultura e da caça. A Fundação Nacional do Índio — Funai —, que mantém um posto avançado no local, não deu continuidade aos projetos agrícolas iniciados e as culturas plantadas pelos Índios fracassaram. Vivem do dinheiro arrecadado com a venda de artesanato e da produção de alguns pés de banana. A cada dia são mais atraídos pela Cidade. Apenas seis homens adultos permanecem na aldeia. Os outros trabalham em Peruíbe, Itanhaém ou Itariri e visitam as famílias nos fins de semana.

O atual cacique Tapeju, que usa também o nome de Odair Castro, fará as últimas tentativas para impedir a extinção da aldeia. Pretende conseguir dinheiro para viajar a Bauru e, se necessário, a Brasília, onde manterá contato com autoridades da Funai. Sua intenção é sensibilizar o Governo Federal e fazer com que sejam reativados os projetos agrícolas atualmente estacionados. Não tem condições de, sozinho, impedir a evasão da reserva. Mas vai tentar, pois seu prestígio está em jogo, já que foi eleito pelos membros da aldeia há três meses, em substituição ao ex-cacique Auauera.

"Vou tentar mais uma vez para ver como vai ficar. Se não der certo, aí não sei como segurar o pessoal aqui na terra, que é a nossa maior riqueza", diz Tapeju, apontando para os morros da imensa reserva federal de 200 alqueires protegida da ação dos caçadores e dos posseiros pela Funai. "É muito triste ficarmos vivendo só da venda de flechas e colares", exclama o cacique, lembrando que precisam de roupas, calçados e, principalmente, alimentos para enfrentar o inverno chuvoso e frio que se aproxima.

'FUNAI FALHOU'

Há três anos a Funai iniciou um projeto agrícola com o objetivo de fixar os índios da reserva dando-lhes uma opção de trabalho. Foram plantados muitos alqueires de milho, tendo o órgão do Governo fornecido ferramentas de trabalho, mudas, adubos e algum dinheiro. No entanto, essa ajuda chegou tarde. As mudas foram plantadas fora da época e a colheita não chegou a ocorrer. O resultado foi desastroso: "A capivara baixou e comeu tudo. Comeu toda a plantação. Isso acontece porque a ajuda da Funai quando vem, chega muito tarde", diz o cacique, enfatizando que a "Funai falhou".

E o mesmo acontece agora com o projeto de bananicultura. Na entrada da aldeia há uma placa fixada junto às casas dos funcionários da Funai com letras garrafais: "Projeto de Bananicultura da Funai". Mas conversando com os índios o quadro é outro: o órgão federal simplesmente abandonou o projeto, iniciado em 1981. Os índios não viram mais adubo, novas ferramentas e nem dinheiro. Os bananais fincados nas encostas dos morros estão abandonados, pois sofrem danos com as chuvas e fortes ventos. Segundo o ex-cacique Auauera, a Funai mandou que plantassem 52 mil pés de fruta, mas a falta de apoio permitiu o plantio de apenas 25 mil, hoje inexistentes.

'CORTARAM A VERBA DO ÍNDIO'

Os guaranis não fazem só críticas à Funai. Reconhecem que o órgão demarcou suas terras e evitou a ação dos posseiros, como também proibiu a caça aos que não são índios. Lembram que a aldeia possuía originalmente 240 alqueires. Hoje são 200 e os outros 40 alqueires já foram grilados. Agora, entretanto, os posseiros respeitam os limites da reserva e mantêm um bom relacionamento com os índios.

Não escondem, contudo, a desilusão com o Governo por terem sido cortadas as verbas destinadas aos projetos agrícolas que vinham alcançando alguns resultados. Auauera, que foi cacique por 31 anos, rememora seu encontro com o delegado da Funai, em Bauru. "Viajei com muita dificuldade, gastando dinheiro, para ouvir do delegado da Funai, Alvaro Villas-Boas, que o Governo Federal havia cortado a verba do índio. Disse o homem que a Funai não tinha mais verba".

'TODOS PARA A CIDADE'

Auauera, que também usa o nome de Bento Samuel dos Santos, é um índio desiludido, de 53 anos, nascido e criado na Aldeia de Peruíbe. Passou por todas as tentativas governamentais para integrá-los à comunidade ou fixá-los na terra. "Cansei de tudo. Fui cacique no tempo do Serviço de Proteção ao Índio — SPI — e vi, quando em 1941, nós passamos da condição de aldeia para posto" diz lembrando do trabalho que teve quando em 1968 foi criada a Funai e viajou por seis vezes ao Rio de Janeiro para regularizar a situação de sua gente. "Fui acertar as coisas, tirar os documentos que eles queriam".

O tempo passou. Auauera não é mais cacique, e a situação na aldeia é de decadência. Bem diferente de dois anos atrás quando os projetos agrícolas conseguiram fixar a maioria dos homens adultos na reserva. Os índios acreditaram na iniciativa e chegaram a colher alguns frutos. No início, enquanto esperavam a ajuda da Funai, chegaram a trabalhar a terra com facas de cozinha. "A empolgação foi grande. Mas, logo em seguida, veio a tristeza quando a ajuda acabou", diz o ex-cacique, afirmando que todos os índios acabaram na Cidade. "Isso vai acontecer mesmo. Para nós, que somos civilizados, tanto faz viver em Peruíbe, Itanhaém e até São Vicente. Te



Cacique quer unir seu povo

mos amigos, arrumamos colocação e tiramos documento".

Auauera sabe que precisarão trabalhar duro. "Não vamos ganhar dinheiro fácil como esses funcionários da Funai que ficam recebendo salário sentados nas cadeiras lá do posto. Eles estão aí à toa. Não podem trabalhar sem apoio do Governo", diz. Na aldeia todos dizem ter muitos amigos na Cidade. "As autoridades do Município ajudam mais a gente do que qualquer funcionário da Funai. O delegado de Polícia e o prefeito são grandes amigos nossos. O que precisamos eles nos fornecem. São gente boa, dizem dois jovens e lembram que o Governo do Estado é melhor com os índios do que o Federal. "A Funai só dá ordem e o Estado já emprestou máquinas para arrumar a estrada. A Sudepa outro dia estava aqui trabalhando na estrada por onde vêm os turistas para comprar artesanato, que é o nosso ganha-pão".

'ANTES UMA GRANDE ALDEIA'

O atual cacique Tapeju, com 66 anos, lembra as histórias dos mais velhos que falam dos tempos em que a vida na aldeia era bem diferente da que levam hoje. "Aqui, antes era uma grande aldeia. Os guaranis formavam duas tribos com dois caciques. Era a Pira-Córa e a do Bananal. Eram mais de mil índios. Depois, o progresso foi chegando no Litoral, Peruíbe foi crescendo, muitas casas foram construídas e os mais jovens tinham vontade de sair, atraídos pelo desconhecido. Eu mesmo fui um dos que se aventurou pelo mundo. Trabalhei em São Paulo, dei muita cabeçada na vida e depois voltei à aldeia em 1972. Desde então tento vencer aqui mesmo, nas terras que são nossas e que guardam muitas riquezas como muitos bichos,

frutas e área boa para plantar. Mas está sendo difícil com essa confusão toda da Funai, que inicia um projeto e não o completa por falta de verba", diz.

Os mais velhos falam que a aldeia foi descoberta por um índio em 1817, quando foi achada muita caça no local. O suficiente para alimentar muitas famílias. O índio teria vindo de terras mais ao sul, talvez na grande migração da nação Guarani, que foi expulsa pelos colonizadores espanhóis desde a divisa com o Uruguai, no povoado conhecido por Sete Povos das Missões. Muitos seguiram em busca da área da grande água, onde encontrariam a paz eterna. Esse local é hoje o Estado do Espírito Santo. Ali os guaranis encontraram-se com os Tupiniquins e houve até a mescla das nações, como a geração de filhos dos dois povos.

'NEM O CACIQUE PODE MANDAR'

A não adaptação dos guaranis aos métodos da Funai talvez se explique nas palavras do ex-cacique Auauera: "Índio não gosta de ser mandado. Gosta de respeito, de humildade. Somos dignos. Fomos senhores de todas essas terras e temos conhecimento disso. O que acontece com a Funai é que chegam funcionários decididos e começam a exigir que os caciques mandem nos índios da aldeia. Querem que façamos todos trabalhar na lavoura de qualquer maneira. Sei de casos em que caciques recebem para ficar mandando os índios trabalharem sem lhes pagar nada", diz Auauera.

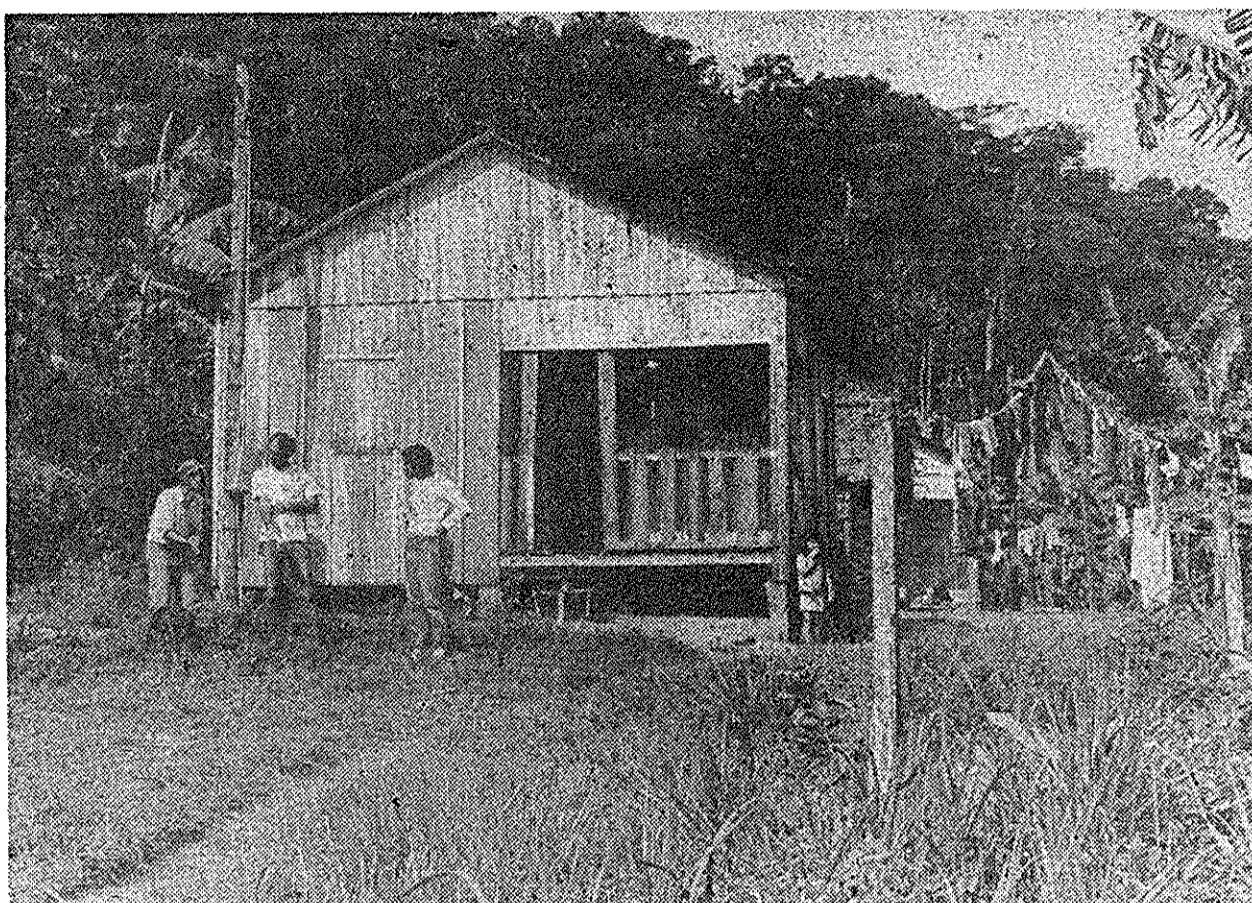
Lembra que o cacique não pode exigir que os homens de sua aldeia trabalhem sem receber. "A função do cacique, desde que me conheço por índio, não é obedecer à Funai, mas sim olhar pelos índios, reparar em tudo. Zelar para que todos tenham comida e que ninguém fique doente. Um cacique não manda, mas indica. Não ordena, sugere. E tudo com muita humildade. Seu trabalho é cuidar da aldeia e não escravizar os índios", enfatiza Auauera.

'TUPÃ VAI AJUDAR'

Os guaranis da Aldeia de Peruíbe já não caçam mais com arco e flecha, usam espingardas velhas para abater veados, pacas, capivaras, jacus e porcos do mato. A caça ainda é abundante na reserva de 200 alqueires. Existem jaguatiricas, onças pardas, aves e raposas em quantidade.

Quase todos sabem falar o português. Mas não esquecem por um minuto o tupi-guarani. Entre eles as conversas são na língua nativa. Não perderam também as crenças e costumes dos antepassados. Isso os ajuda a sobreviver. Três vezes por semana todos os índios da aldeia se reúnem e dançam, fumam cachimbos e invocam o deus Tupã para protegê-los contra as picadas de cobras, doenças e falta de comida.

Apesar de a maioria trabalhar nas cidades, sempre visitam as aldeias, onde quase todos são parentes. Os jovens estudam na escola da Prefeitura sem deixar, contudo, de aprenderem a caçar e preparar armadilhas. Se dedicam ao artesanato que lhes proporciona alguns cruzeiros. E à noite, dançam e invocam o deus da natureza. Se apegam de todas as formas às matas, aos rios e ao solo. Bem mais do que os homens, encarregados de promoverem o desenvolvimento do País.



Os remanescentes da nação guarani querem ajuda para melhor aproveitar os 200 alqueires da reserva



Apesar de aculturadas, as crianças não esquecem tradições